

## MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE

Mamede Mustafa Jarouche, filho de imigrantes libaneses<sup>1</sup>, nasceu na cidade de Osasco, São Paulo, em 12 de fevereiro de 1963. Diplomou-se bacharel em Letras, Português e Árabe pela Universidade de São Paulo e concluiu o doutorado em literatura brasileira pela mesma instituição, com a tese “Sob o império da letra: imprensa e política no tempo das *Memórias de um sargento de milícias*”. Fez pós-doutorado na Universidade do Cairo e é professor de língua e literatura árabe, bem como pesquisador na Universidade de São Paulo.

Ganhou o prêmio Jabuti de Melhor Tradução duas vezes. A primeira vez em 2006 com a publicação do primeiro volume do *Livro das mil e uma noites*, única tradução da obra feita diretamente do árabe para a língua portuguesa. E a segunda vez em 2010 com o livro *O leão e o chacal mergulhador*. Acabou a tradução do 4º volume do *Livro das mil e uma noites* em março de 2012.

Marie Hélène Catherine Torres– UFSC

Cadernos de Tradução (CT): *A Folha de São Paulo publicou em fevereiro de 2011 um artigo seu, “Primavera em pleno inverno – Depois da queda”. Você estava no Cairo em fevereiro de 2011 durante a revolta popular dos egípcios contra o ditador Hosni Mubarak na Praça Tahrir. Além do momento político e histórico sobre o qual você amplamente discursa, poderia comentar sobre suas atividades intelectuais na cidade do Cairo.*

*Mamede Jarouche (MJ)*: Na realidade, foram dois artigos para a Folha, um antes e outro depois da queda. Escrevi a pedido de uma

das editoras do caderno de cultura. Ela me localizou no Cairo e solicitou que eu escrevesse a respeito. Na época, o Estado também pediu, mas, como eu já estava comprometido com a Folha, sugeri que publicassem um artigo de um amigo meu que também estava lá, o poeta e editor iraquiano Khálid Al Maaly, um genuíno anarquista. Bem, nessa última estada no Egito, que durou cerca de dois meses, não pude levar adiante as minhas pesquisas propriamente ditas, pois todas as instituições públicas fecharam: bibliotecas, universidades, instituições de pesquisa. Assim, meu trabalho quase que se limitou à leitura e ao acompanhamento do processo revolucionário. Com efeito, não foi pouca coisa, mas digamos que estava um pouco distante do que eu inicialmente planejara fazer.

*CT: A revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio da USP, Tiraz, foi criada por Michel Sleiman e por você para divulgar pesquisas e trabalhos acadêmicos ligados aos estudos árabes. Quais são os temas abordados? Poderia fazer um histórico da criação da revista?*

*MJ:* Uma correção: a revista Tiraz é projeto do professor Michel Sleiman, sozinho. Os demais professores do curso apoiaram, claro, mas a ideia e o plano foram dele. A edição também sempre esteve a cargo dele, que se dedicou a ela de maneira intensa ao longo de anos. Só quem acompanhou de perto esse trabalho, como eu e os colegas de árabe, é que sabe o quão custoso é fazer uma revista nesses moldes no Brasil. Agora, devido a modificações na estrutura do curso de pós-graduação em árabe, que foi extinto, juntamente com o de hebraico, para dar vida a um novo programa que engloba as duas áreas, a revista não circulará neste ano, só retornando, quem sabe, em 2014, com a grande possibilidade de ser exclusivamente pela internet, em conformidade com os novos padrões de exigência da CAPES, que prefere publicações eletrônicas – no que, diga-se, não está errada, ao menos no que tange a revistas acadêmicas.

---

*CT: O ICarabe realiza cursos, pagos e gratuitos, de curta duração sobre assuntos variados relacionados ao mundo e à cultura árabes. Que tipo de aulas você já ministrou? Quem são os alunos do ICarabe?*

*MJ: No início do Icarabe, ou seja, quando ele foi fundado, participei de algumas atividades para ajudar. Mas para mim sempre foi muito difícil em virtude dos meus inúmeros compromissos, e também da distância: as atividades do Icarabe são sempre na região da Paulista, em Cerqueira César, ali por volta das 19, horário impraticável em São Paulo, sobretudo para quem, como eu, mora no extremo oeste da cidade. Mas apoiei no início, é muito importante a existência de instituições que divulguem a cultura árabe. Deveriam surgir muitas outras mais.*

*CT: Ganhou o prêmio Jabuti de Melhor Tradução duas vezes. A primeira vez em 2006 com a publicação do primeiro volume do Livro das mil e uma noites, única tradução da obra feita diretamente do árabe para a língua portuguesa. E a segunda vez em 2010 com o livro O leão e o chacal Mergulhador. Os dois livros publicados pela Editora Globo. Pode-se dizer que o Jabuti foi um marco na sua vida? Influenciou o convite que recebeu da Academia Brasileira de Letras em julho de 2011?*

*MJ: Sim, claro, o Jabuti é um prêmio prestigioso. Embora a palavra “marco” seja muito forte, talvez ela seja adequada, uma vez que divide as coisas num antes e num depois, e sinto que foi isso que aconteceu com o meu trabalho de tradutor. Curiosamente, em 2011 ganhou o prêmio de tradução um ex-aluno de árabe, Marco Sirayama, que traduziu do turco o épico *Dede Korkut*, também publicado pela mesma editora das *Mil e uma noites*, com indicação minha. É bem possível que o convite da ABL tenha sido fruto dessa premiação, bem como de outras, como a da APCA e a da Biblio-*

teca Nacional. O acadêmico responsável pelo convite, Geraldo de Holanda, para além de ser ele mesmo um grande tradutor, é muito interessado nessas questões.

*CT: O seu público leitor estava esperando a publicação da tradução do quarto volume do Livro das mil e uma noites. Sabemos que este volume é muito maior do que os três primeiros. Além disso, gostaria de saber quais as principais dificuldades de tradução que você encontrou.*

*MJ:* Embora duvide seriamente da existência de um “público leitor” meu (os leitores são do livro, e, nesse caso, o tradutor poderia ser qualquer um), de fato, foi recentemente publicado, no final de 2012, o quarto volume da tradução do Livro das Mil e Uma Noites, após grande pressão da editora, pois eu realmente me demorei bem mais do que o razoável. Embora eu tenha traduzido oprimido pelo tempo, esse quarto volume ficou bem maior que os outros, com cerca de cem páginas a mais. Do ponto de vista prático, ele marcou o fim do meu trabalho com os manuscritos da obra, isto é, considerei encerrada a etapa das pesquisas com manuscritos – não por os ter esgotado, pois eles são inesgotáveis, mas por achar que doravante talvez seja o momento de começar a trabalhar com a vulgata. Sobre as dificuldades da tradução, não acredito que difiram fundamentalmente das dificuldades encontradas na tradução de quaisquer obras da Antiguidade e da Idade Média. Você tem pontos obscuros, problemas na transmissão, deturpações. No caso das *Noites*, isso é potencializado e agravado pela existência de inúmeras variantes, e pela própria natureza do meu trabalho, que não é só de tradução (o que já seria o bastante), mas também de pesquisa e investigação.

*CT: A questão das fontes originais parece (pre)ocupá-lo bastante. Você foi buscar fontes em persa e sânscrito para fundamentar a*

---

*base das traduções das Mil e uma noites. Poderia contar como foi que aconteceu a pesquisa? Onde procurou? Por que procurou?*

*MJ:* Não, não fui buscar fontes em persa e sânscrito para a tradução das *Mil e uma Noites* por dois motivos: primeiro, ignoro ambas as línguas e, segundo, isso de nada adiantaria, pois tais fontes “originais em persa e sânscrito” simplesmente não existem. O que eu fiz foi a crítica de certo orientalismo, em especial do século XIX e do começo do XX, que insistia em produzir fontes hipotéticas, mais em persa e menos em sânscrito, para as *Mil e uma Noites*, o que para mim se configurava inaceitável, pois tinha como pressuposto – um pressuposto explicitado por arabistas como o holandês R. Dozy (cujos dicionários, por sinal, são excelentes e ainda hoje muito úteis), de que a “mentalidade semita” era incompatível com a grandes voos da imaginação, o que por conseguinte os incapacitaria – os semitas – a produzir obras originais como as *Mil e uma Noites*; logo, a origem dessa obra só poderia se situar nas culturas de povos indo-europeus, como é o caso de persas e indianos. Um absurdo, como se vê, racismo explícito que hoje ninguém mais subscreveria.

*CT:* *Os quatro volumes apresentam edições com notas sobre aspectos linguísticos ou sobre o cotejo entre manuscritos e edições árabes. Poderia explicitar o porquê da presença das notas? Elas não atrapalham a leitura? Que tipo/categoria de notas você decidiu incluir nos quatro volumes de Mil e uma noites? Poderia dar alguns exemplos?*

*MJ:* Basicamente, são notas de caráter linguístico e histórico/literário, diga-se assim. Não houve decisão prévia minha para a colocação das notas; simplesmente foi acontecendo: no decorrer da tradução eu ia pondo as notas, conforme, digamos, o meu capricho pessoal e entendimento. Talvez sejam excessivas, não sei. O que

posso dizer é que eu por assim dizer “sentia” necessidade de que determinada nota fosse colocada. Eu tinha alguns pressupostos que não me parecem, ainda hoje, equivocados: primeiro, que o nível de informação dos leitores a respeito das coisas do mundo árabe, em especial do antigo, não é grande; e, segundo, que, embora sendo um texto largamente traduzido para as mais variadas línguas desde pelo menos o século XVIII, nunca o fora ao português diretamente dos originais, o que me obrigava a dar explicações a respeito do meu procedimento, explicações essas que deveriam em certo sentido justificar a empreitada, dando ao leitor, no mínimo, exemplos de certas complexidades e dificuldades da tarefa. E, de minha parte, em mais de uma ocasião ouvi elogios às notas, o que me parece inusual, já que se trata de acessórios do texto, e não de algo fundamental nele.

*CT: Segundo o DITRA (O Dicionário de Tradutores de Textos Literários no Brasil), você trabalhou também como tradutor na Mendes Jr. no Iraque e na Braspetro na Líbia. Foram seus primeiros passos no mundo da tradução?*

*MJ:* Sim, mas eram traduções de textos burocráticos e administrativos, nada que valesse minimamente a pena quando você ama a literatura. Lembro-me que uma vez me pediram a toque de caixa a tradução de um documento que havia acabado de chegar do Ministério do Interior do Iraque. Era um papel exigindo que um diretor da empresa Mendes Junior fosse sumariamente demitido. Eu não gostava nada do sujeito, e devo confessar que a carta me deixou feliz. Bem feliz. Então, no fim, após terminar a tradução, datilografei que “eu, Mamede Jarouche, traduzi bem e fielmente o que deste papel consta, e como paga me contentarei com algumas fânegas de uva passa”. Na época, eu estava relendo o *Dom Quixote*, e me veio à memória o mouro que lhe traduziu o manuscrito por algumas fânegas – que é medida de peso – de passa, e imitei. Nin-

---

guém achou a menor graça e quase acabei demitido. O ambiente nessas empresas era horrível. Uma vulgaridade, uma burrice e uma estupidez que me fizeram perder muitas ilusões sobre a vida e o ser humano. Lidar com aquele tipo de gente extremamente pragmática – engenheiros, administradores – é devastador quando você ama as humanidades – especialmente o tipo de profissional que existia nessas empresas, gente de uma vulgaridade assombrosamente rude, espectadores entusiasmados de programas de auditório, semi-analfabetos sem qualquer laivo de humanismo, práticos da vida e da morte, enfim, um horror. Mas sobrevivi.

*CT: Mas como foi seu primeiro contato com as editoras? Alguma editora lhe propôs uma tradução literária? Você procurou uma editora porque queria traduzir?*

*MJ:* Nunca fui diretamente a uma editora propondo algo. Em geral, são os editores que entram em contato, pedindo uma tradução específica ou então sugestões de tradução. A primeira editora com a qual trabalhei foi a Martins Fontes, para quem fiz alguns trabalhos. Hoje soube que as coisas estão mudadas por lá, parece que a empresa foi dividida em dois grupos distintos, não sei bem. No caso da tradução das *Mil e uma Noites*, é preciso deixar bem claro que o que houve foi um convite específico de um dos editores, Joaci Pereira Furtado, isso por volta de 2002. Éramos amigos havia um bom tempo, tínhamos feito pós-graduação juntos na USP, ele em História e eu em Letras, e ao concluir o doutorado o Joaci fora trabalhar com edição de livros ao invés de lecionar. Foi nessa situação que um dia ele me telefonou informando que estava na Editora Globo, que numa reunião de pauta havia sugerido a publicação da tradução das *Mil e uma noites*, e que a sugestão fora acolhida pela direção. Assim, na lata, um amigo decidiu por mim o que deveria ser traduzido! É bem verdade que eu pesquisava o assunto, e ele sabia disso; logo, não foi tão aleatório, mas envolveu uma boa

dose de coragem da parte dele. Recebi prazos elásticos, condições interessantes – como a manutenção do meu espaço de pesquisa – e então comecei o trabalho.

*CT: As traduções de ficção direto do árabe são bastante recentes. Até então como ocorriam as traduções? Quem traduzia?*

*MJ:* Quase não existiam traduções diretas do árabe no século passado. Se você observar o panorama editorial de então, perceberá que pouco se publicava, com efeito, sobre cultura, história e literatura árabe. Ademais, de fato não existiam tradutores, ou quase não existiam. Lembro aqui Mansour Challita, que foi embaixador plenipotenciário da Liga dos Estados Árabes no Brasil, e que traduziu todo o Gibran ao português – muito embora devamos lembrar que boa parte da produção de Gibran era em inglês. Ele também traduziu algumas antologias, uma edição ginasiana de Kalila e Dimna e o livro de outro poeta libanês chamado Mikhail Neeime. Mussa Kuraiem foi outro que traduziu algumas coisas, como as anedotas de Juha, bem como alguma produção de escritores da colônia aqui no Brasil. Não consigo me lembrar de mais ninguém. O curso de árabe da USP existe desde a década de 60 do século passado, mas por algum motivo você quase não encontra traduções do árabe feitas pelos professores da área. Vez por outra também apareciam traduzidos autores árabes que escreviam em francês ou inglês, como Amin Maalouf, Chems Nedir e outros, inclusive o próprio Gibran, como afirmei anteriormente. E as raras traduções de obras originariamente escritas em árabe eram normalmente feitas a partir dos textos em inglês, francês ou espanhol.

*CT: Você acredita que o mercado do livro no Brasil está se expandido de forma a absorver mais livros traduzidos do árabe? Tem mais tradutores do árabe hoje? Quem os forma?*



---

*MJ:* Não resta dúvida de que o mercado se expandiu e, para além disso, o interesse pelo mundo árabe propriamente dito se ampliou devido à sua contínua presença, com destaque, no noticiário. Os tradutores saem, basicamente, das universidades. Acredito que a tendência é a expansão da procura. Hoje já temos alunos que almejam, basicamente, concentrar os seus esforços em traduzir do árabe. Pretendem, de certo modo, viver disso, o que é muitíssimo positivo. E nota-se uma demanda, uma exigência de que as traduções sejam diretas – não somente do árabe, mas de qualquer outra língua. Isso evidencia amadurecimento dos leitores. Hoje, quando se vê a publicação de um autor russo, ou árabe, ou israelense, não é incomum que os leitores indaguem: “mas de onde foi traduzido?” É excelente, e reflete uma maior preocupação do brasileiro em entender o mundo com menos intermediações. Porque a tradução indireta é uma forma de intermediação em que as decisões são deixadas a cargo do intermediário. Não estou discutindo correção ou conhecimento da língua. Se leio um autor chinês, por exemplo, traduzido ao português a partir da sua tradução em inglês, estarei lendo as soluções que o tradutor ao inglês deu ao texto numa perspectiva estética que não é, nem poderia ser, a do português. É claro que estou me referindo às humanidades em geral, e à literatura em particular. Não se aplica, obviamente, ao manual de uso do televisor.

*CT: A última pergunta... Quais seus projetos de tradução para o futuro? Já começou uma nova tradução?*

*MJ:* Sim, já comecei três, simultaneamente: um tratado político (em forma de fábula) do século XIII, um tratado erótico do século XII e um amoroso do século XI. Não sei quando os termino, cada um responde a demandas e afetividades específicas, mas todos têm que ver com projetos ou pré-projetos de meus orientandos, constituindo-se, em certa medida, em trabalhos conjuntos. Além

disso, praticamente concluí a edição crítica de um manuscrito árabe de datação incerta – ele remonta a algum período entre os séculos XVI e XVIII. Nunca editado antes, esse manuscrito, recebido por especial deferência de Messiane Brito, uma orientanda minha que está estudando em Paris, contém histórias muito curiosas e deverá ser publicado em Beirute pela Manshurát Aljamal. Quando e se o traduzir ao português, receberá o título (pois não possui título, o que me dá certa liberdade) de “O amante da falecida e outras histórias árabes”.

Entrevista concedida a Marie-Hélène Catherine Torres

### Nota

1. As informações bibliográficas foram publicadas online no Dicionário Brasileiro de Tradutores Literários –DITRA (<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br>)

## ANEXO

### Referências

#### Traduções:

Anônimo. *Cento e uma noites*. 1ª. edição: São Paulo, Hedra, 2002; 2ª. edição: São Paulo, Martins Fontes, 2005.

Ibn Almuqaffa'. *Kalila e Dimna*. São Paulo, Martins Fontes, 2005

Anônimo. *Livro das mil e uma noites* (volume 1). São Paulo, Globo, 2005

Anônimo. *Livro das mil e uma noites* (volume 2). São Paulo, Globo, 2006

Anônimo. *Livro das mil e uma noites* (volume 3). São Paulo, Globo, 2007

Anônimo. *Livro das mil e uma noites* (volume 4). São Paulo, Globo, 2012 (previsto)

VVAA. *Histórias para ler sem pressa*. São Paulo, Globo, 2008.

Anônimo. *O leão e o chacal Mergulhador*. São Paulo, Globo, 2009

Sahl Bin Harun. *Livro do tigre e do raposo*. São Paulo/Madrid, Amaral Gurgel, 2010

**Obras Organizadas:**

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. Cotia, Ateliê, 2000 (fixação de texto, introdução e notas).

VVAA. *Poesias da Pacotilha*. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (fixação de texto, organização, introdução e notas).

Anônimo. *Allayáli Al'arabiyya Almuzawwara* [As noites árabes falsificadas]. Beirute/Bagdá, Aljamal, 2011 (em árabe – organização geral e apresentação).